

INFOPROLETARIADOS E A DEGRADAÇÃO DO TRABALHO NO CONTEXTO DE REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA

*Ms. Denise Silva Nunes¹
Íngrid Schmidt Visentini²*

RESUMO

O ambiente do trabalho no cenário da sociedade informacional inaugura um novo contexto das relações humanas no século XXI. O mercado busca alternativas para a sua manutenção, e percebe-se isso pela crescente utilização das novas tecnologias para maximizar o lucro, a produção de bens e serviços, através da execução do trabalho do infoproletariado. Assim sendo, o presente trabalho discutirá a categoria dos infoproletariados inseridos no contexto de reestruturação produtiva, utilizando-se de abordagem histórico-comparada, através da pesquisa bibliográfica com ênfase na sociologia do trabalho. Como resultado final do trabalho menciona-se que a reestruturação produtiva gerada no capitalismo contemporâneo vem provocando grandes modificações no mundo do trabalho, criando a precarização das relações de trabalho, a flexibilização dos modelos de produção e a supressão de direitos.

Palavras-chave: precarização; reestruturação produtiva; sociologia do trabalho.

INTRODUÇÃO

A partir do agravamento da crise do petróleo nos anos de 1970/80, os setores produtivos buscaram outras formas para manter o sistema, com a implementação de alternativas para a diminuição dos custos de produção, com investimentos na informática, na automação, nas comunicações e na produção globalizada. No final do século XX inaugura-se o contexto da era pós-industrial ou tecnológica, com o surgimento da telemática (fusão telecomunicações-informática) e priorizando, sobretudo, os serviços, as informações e a produção de ideias.

A globalização aliada à Revolução Tecnológica fragmenta as estruturas clássicas do trabalho e incorpora novos elementos resultando na insurgência de novos direitos e de um novo empreendedorismo. Nessa conjuntura diversos postos tradicionais de trabalho foram aos poucos eliminados, sendo considerados obsoletos, e o mesmo produto ou serviço passou a ter suas etapas de elaboração espalhadas por diversos locais, ou em diversos países, corroborando para a

¹ Mestrado em Direito pela Universidade Federal de Santa Maria. Especialista em Direito Público pela UNIDERP. Aluna do Curso de Graduação em Ciências Sociais Bacharelado e da Especialização em Ensino de Sociologia no Ensino Médio pela UFSM. Advogada. denise.silva.nunes@hotmail.com

² Aluna do Curso de Ciências Sociais pela UFSM. Endereço eletrônico: ingridvisentini@hotmail.com

concorrência mundial de mão de obra. O capital passou a ter grandes fluxos, com imensa mobilidade, transferindo-se para os locais de menor custo, com valorização da qualificação em detrimento da especialização. A partir dessas transformações, agregadas às tecnologias da comunicação e informação uma nova modalidade de trabalho vem se estabelecendo na sociedade, denominada infoproletariado.

O presente trabalho discutirá o enfoque da reestruturação produtiva, a fim de analisar se as condições de trabalho caracterizam a precarização e a supressão de direitos sociais. Para tanto, utiliza-se de pesquisa bibliográfica com ênfase na sociologia do trabalho e abordagem histórico-comparada acerca das categorias 'tempo e espaço' no contexto do trabalho; a insurgência do infoproletariado no contexto de rearticulações do capitalismo; e, por fim, análise 'jurídico-social' das categorias de tempo e espaço na execução do infoproletariado no Brasil.

DESENVOLVIMENTO

A reestruturação produtiva pensou na economia do tempo, isso porque o novo projeto de sociedade necessitou de uma nova organização e percepção acerca do tempo e do espaço. A relação trabalho e modo de vida enseja pensar as relações na sociedade, o que remete a pensar a sociedade a partir do controle do tempo e do espaço. O controle do tempo e do espaço se tornaram mecanismos fundamentais de poder e de dominação, mas esse processo não é via de mão única, pois onde há dominação, há resistência (LIMA e HOLZMANN, 2015, p.73).

Tem-se um novo arranjo espaço-temporal, a partir da década de 1970, no qual a fábrica aos poucos perde a prevalência, embora continue a ser representativa da organização do trabalho. E esse arranjo integra a reestruturação econômica, ou produtiva, o que compreende transformações nos processos de trabalho, na estrutura das empresas e nos papéis do Estado (LIMA e HOLZMANN, 2015, p.61).

A revolução de produção da comunicação e da informática transformou práticas laborais a tal ponto que todas elas tendem ao modelo das tecnologias de informação e comunicação (BRAGA, 2009, p.64). A rede, cujo maior exemplo seria a

internet, é apresentada como a estrutura determinante da sociedade, assumindo um papel definidor na organização do trabalho pós-fordista (BRAGA, 2009, p.61).

Esse novo proletariado de serviços, tais como teleoperadores, programadores de softwares, teletrabalhadores, dentre outros, tem jornadas de trabalho mais prolongadas, com ritmos intensificados, com metas, rotatividade, salários reduzidos, insalubridade, *etc.* Assim, antigos problemas ainda persistem em sua essência e são refletidos no âmbito virtual. Aponta-se a figura do 'assédio digital', com situações onde o assediador age de modo que exponha o empregado a situações constrangedoras. A informatização é acompanhada por um nível mais elevado de pressões psicológicas, com o aumento das exigências de atenção, de vigilância, de disponibilidade e de concentração (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009, p.275).

Destaca-se que o autor Ruy Braga (2009) tem a perspectiva da tecnologia como potencial de transformação, e representa a objetivação do trabalho e das relações sociais. E o autor Jean Lojkin (1995) afirma que é um mito da tecnologia a versão do potencial transformador (e de criatividade e autonomia). Desse modo, fica o nosso desafio de analisar a distancia entre a promessa e a realidade.

Para Ricardo Antunes (2011, p.87) a chamada Revolução Tecnológica tem um evidente significado emancipador, desde que não seja regida pela lógica destrutiva do sistema produtor de mercadorias, mas sim pela sociedade do tempo disponível e da produção de bens socialmente úteis e necessários. Para Standing Guy (2013, p.27-28) o precariado consiste em pessoas que são desprovidas das sete formas de garantia relacionadas ao trabalho, tais como de mercado de trabalho, de vínculo empregatício, segurança no emprego, segurança no trabalho, segurança de renda, garantia de representação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sociedade pós-industrial o trabalho perde o lugar na medida em que a preocupação central é com os resultados, e não com o processo laboral. Tem-se a objetivação do trabalho, o que independe das condições laborais, da jornada de

trabalho, dentre outros elementos à sua execução. É importante pensar na conjuntura do mundo do trabalho e no engajamento político e social com as demandas. Nesse viés, se o emprego conjuntural foi um problema na sociedade industrial, na tecnológica o desafio é busca de soluções e novos paradigmas para a questão do desemprego estrutural, causado por inúmeros fatores, entre eles a redução dos postos tradicionais de trabalho em decorrência das novas tecnologias.

Assim, persiste a promessa de Braverman (1974), quando se referiu à autonomia e à emancipação do indivíduo, o que, na realidade nada mais é do que um contratempo. Criou-se uma utopia da autonomia e emancipação do indivíduo, no entanto, na realidade e na prática, nada mais é do que trabalho precarizado.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2003.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO Éve. O novo espírito do capitalismo. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009 (p.272-284).

BRAGA, Ruy. A vingança de Braverman: o infotaylorismo como contratempo. ANTUNES, Ricardo. In: Infoproletários: degradação real do trabalho virtual. BRAGA, Ruy (Orgs.). São Paulo: Bomtempo, 2009.

BRAVERMAN, Harry. Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

GUY, Standing. O precariado: a nova classe perigosa. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LIMA, Jacob Carlos. HOLZMANN, Lorena. Tempo, espaço e trabalho. In. Org. ECKERT, Cornélia [et.al]. Etnografias do trabalho: narrativas do tempo. Porto Alegre, Marcavisual, 2015.

LOJKINE, Jean. A Revolução informacional. Tradução de José Paulo Netto. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995.